

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Dorinda Nazaré Gonçalves**

registada em 2009-02-04  
por

Susana Pires e Jenny Campos



## **Dorinda Nazaré Gonçalves**

Dorinda Nazaré Gonçalves nasceu na Benfeita, no dia 23 de Abril de 1932. O pai era Joaquim Pereira. A mãe era Albertina Nazaré Gonçalves. Criaram sete filhos, que andaram ao dia fora, “a carregar, a cavar”. Dorinda foi à escola e fez o exame da terceira classe, “era inteligente lá para isso, e as professoras não largavam os meus pais”. Depois da escola foi trabalhar para o campo, “andar a trabalhar para as pessoas a ganhar qualquer coisa, pouco”. O marido era seu vizinho, por isso namoraram “de janela para janela”. Mais tarde, casaram e tiveram um filho.

# Índice

|   |    |
|---|----|
| Identificação Dorinda Nazaré Gonçalves..... | 4  |
| Ascendência Tinham pouco expediente.....    | 4  |
| Casa "Uma casa grande".....                 | 4  |
| Educação "Era inteligente".....             | 5  |
| Infância Trabalhar para a despesa.....      | 5  |
| Religião Roupa de domingo.....              | 5  |
| Namoro Namoro à janela.....                 | 6  |
| Casamento Vida difícil.....                 | 6  |
| Descendência Um menino.....                 | 8  |
| Costumes As festas e a comida.....          | 10 |
| Lugar Muito diferente.....                  | 12 |
| Sonhos Casas abertas.....                   | 15 |
| Avaliação.....                              | 15 |

## **Identificação *Dorinda Nazaré Gonçalves***

O meu nome é Dorinda Nazaré Gonçalves. Nasci na Benfeita, no dia 23 de Abril de 1932, salvo erro. Eu nem sei. Já me esquece muito as coisas. Tenho 77 anos.

## **Ascendência *Tinham pouco expediente***

O meu pai era Joaquim, havia umas confusões com os sogros. Joaquim José Gonçalves, acho eu. Ou Joaquim Pereira. Não era. Havia um Joaquim Pereira e havia um Joaquim José Gonçalves. Mas acho que era Joaquim Pereira. A minha mãe era Albertina Nazaré Gonçalves. Coitados, eles eram ricos, mas naquele tempo, eram as terras que valiam e depois não havia reformas, não havia nada. Criaram sete filhos. Também não viviam abastados. Foi a vida deles, a minha mãe foi uma pessoa mimosa, era filha única, os pais viviam muito bem, não a deixavam trabalhar no campo e depois para se orientar viu-se à carga. E para arranjar depois para os filhos foi um problema, para criar tanto filho. O meu pai ainda foi lá estar fora mas pouco adiantou. Não era assim pessoa de muito expediente, de arranjar a vida e ela também, na altura, quando havia de se espertar, não se espertou e depois quando os pais morreram orientava-se, mas orientava mal. As pessoas queriam era comer à custa deles. Compravam-lhes as terras baratas. Foi assim uma vida pouco jeitosa. E a gente andámos ao dia fora. A carregar, a cavar. Os filhos. Se queríamos comer. Ela, coitadinha, bem granjeava mas não conseguia. Naquela altura, não havia ajudas nenhuma.

## **Casa "*Uma casa grande*"**

Na altura, a casa onde nasci era uma casa boa mas depois foi envelhecendo. Era uma casa grande, com divisões suficientes para os filhos todos. Dormiam duas pessoas conforme calhava. Mas era uma casa grande. Tinha uma cozinha muito antiga, como eram todas, na altura. Agora é que é só luxos mas, naquela altura, eram umas cozinhas com lareira. Cozinhava-se em panelas de ferro. Cozinhava-se de tudo na mesma como agora. O que é que não comiam tanta carne como comem agora. Criava-se um porquinho, matava-se. Comia-se dali. Punha-se na salgadeira, e criávamos galinhas e tínhamos cabeças de gado: cabras, ovelhas e, às vezes, a gente comíamos aquela criação que dava aqueles

animais. E comíamos feijão, batatas porque semeávamos, semeávamos muitas. E era o que se comia. E arroz e massa também. Fazia-se uma boa panela de sopa. De manhã, fervia-se sopa com farinha ou com broa e comíamos essas papas e eram bem boas, melhor do que agora.

Éramos sete. Com os meus pais, nove. Era só um rapaz e por pouca sorte era deficiente. E reparigas éramos seis. Em minha casa brincávamos pouco. Não brincávamos assim muito, não. E não havia dinheiro para brinquedos, nessa altura.

## **Educação "*Era inteligente*"**

Eu fui à escola. Fui e as minhas irmãs também foram algumas, outras não. Não obrigavam, nessa altura. Eu como era assim, aprendia bem, era inteligente lá para isso, e as professoras não largavam os meus pais.

- "Deixem ir a Dorinda, deixem ir a Dorinda à escola".

E depois eu fui e aprendia bem. Mas também fiz o exame só da terceira porque depois saí. Sei que davam os ditados, os problemas, e as contas.

Andáramos em várias escolas porque os professores também mudavam. Ora vinha uma, ora vinha outra. E era onde está a Junta. Aí é que eu andei mais tempo. Tínhamos cadernos, tínhamos a pedra, chamava-se a ardósia, uma pedra para a gente fazer as contas. E tínhamos uns cadernos e um livro para ler. E os lápis e uma borrachita.

## **Infância *Trabalhar para a despesa***

Depois da escola fui logo para o campo, andar a trabalhar para as pessoas a ganhar qualquer coisa, pouco. E depois da escola ainda íamos apanhar lenha e pinhas. E era o que a gente fazia. Não andávamos aí na rua. Ó, ó, não se podia. Depois é que fui trabalhar para as pessoas de fora para ganharmos qualquer coisa. Para a ajuda da despesa. Chamávamos 25 tostões, 5 escudos. Era assim, uma miséria.

Carregávamos, cavávamos terra, semeava milho, as batatas. E íamos carregar lenha para as lareiras. Os homens faziam nos pinhais, chamavam cavacas, e nós íamos carregar aquela lenha, para trazer para as lareiras para fazer a comida e para se aquecerem, pois. Saíamos cedo e vínhamos de noite. Vínhamos já alumiaava a lua, como se costuma dizer. Não é como agora. Agora vão uma hora, duas horas. E é assim a vida.

---

## **Religião *Roupa de domingo***

Andei na doutrina, fiz a Comunhão, isso segui tudo. Tinha de ser. Quem dava a doutrina eram umas senhoras de culto. Eram senhoras que não trabalhavam nem no campo, nem nada. Estavam em casa e a gente, às vezes, ia para casa delas e elas iam à igreja, quando calhava e ensinavam-nos a doutrina. E andei na Cruzada, chamavam a Cruzada. Era um grupo de meninos. Tínhamos uma veste com uma cruzinha e quando era preciso, até numa festa ou assim, não podíamos faltar, tínhamos de ir.

Na Comunhão íamos de branco, todas bem preparadas. Tinha de se arranjar quando não havia para comprar e pedia-se emprestado de umas para as outras. No dia-a-dia isso sempre se ia comprando uns trapitos. Uma roupita barata, não era como agora coisas caras. Não se comprava feito. Comprávamos o pano, havia muitas lojas e costureiras e elas faziam-nos os fatos, o vestido, as saias, as blusas. A gente lavava ao domingo para vestir à segunda. Às vezes, mudávamos. Sempre se tinha mais uma roupita. Nas festas fazíamos uma roupita mais, para trazermos naquele dia mais asseado. E para os bailes vestíamos a roupa que tínhamos de domingo. Sempre tínhamos a roupita dos domingos, de ir à missa, para irmos ao baile. Sempre íamos mais jeitosas. Era a mesma coisa da semana, o que é que tínhamos mais guardado. Guardávamos mais para vestir naquele dia.

## **Namoro *Namoro à janela***

Eu e o meu marido éramos vizinhos. Um estava de um lado e o outro estava do outro. Disse que gostava de mim, que gostava de casar comigo, e foi assim que namorámos e nos casámos e, graças a Deus, temos sido felizes. Namorámos de janela para janela. Era na rua se nos encontrávamos. E era assim a nossa vida. Já se sabe que é muito diferente de agora. Claro, não nos juntávamos por aí assim por qualquer lado. Encontrávamo-nos à noite, íamos para casa, ele pedia autorização aos meus pais para vir lá à noite. E era assim.

## **Casamento *Vida difícil***

### **"Casamento pobre"**

Foi um casamento pobre já se sabe. Foi conforme a gente podia. Tínhamos umas pessoas, só família. Teve tudo como agora. Missa, almoço. Abusava-se.

Chamavam a fressura, que era o prato principal do casamento e a chanfana e sopa. Arroz-doce, tigelada e pouco mais. Acho que era assim o almoço. À noite fomos para a cama, fomos fazer as nossas brincadeiras também, como agora. Isso era como agora. O que é que, eu digo a verdade, era mais decente do que agora. Era mais decente. E eu é que tive lua-de-mel, não fomos a isso. Nem tínhamos dinheiro, nem éramos dessas coisas. O dia seguinte guardámos o dia, não trabalhámos tanto, mas também não fomos passear nem nada.



**Casamento de Dorinda e Armando**

### **Dia e noite no moinho**

O meu marido era moleiro. Moía farinha, porque os pais já eram moleiros e ele veio seguir os passos dos pais. Moía o milho para fora, para as pessoas da Benfeita, quase todas que ninguém tinha moinhos e ia a algumas terras, a Sardeira, Pisão buscar os sarrões, que eram umas saquinhas, ia buscá-las a um dia, e a outro dia ia levar a farinha. Era também uma vida muito cruel. Não dormia quase nada. Tinha que andar a ver, chamam as mós, se tinham milho

ainda para moer. Não se podiam deixar andar sem milho, aquelas pedras. Tinha, chamava-se uma moeda, enchia-se de milho mas mesmo assim moía aquilo tudo depressa porque era tocada a água. Havia muita água, nessa altura. E então ele também não dormia descansado, estava sempre a levantar-se. E tinha de ser fora da aldeia. Estávamos lá para uns moinhos, fora da povoação. Tínhamos de ir de noite, por aí abaixo, com um candeeiro na mão. Chamavam o lampião. Era a petróleo. Não havia luz. E então, às vezes, chuva e vento e a gente a amparar aquilo tudo por aí abaixo, pela estrada abaixo. Lá para o lado da Dreia. Era por aí perto. Era uma vida triste. Eu ia com ele. Deus me livre o deixar ir sozinho lá para aqueles ermos. Era umas barrocas. Íamos lá dormir. Ele levantava-se de noite e ia ver. Eu não, que eu também não percebia nada daquilo, para mim era música.

O meu marido tirava o milho, um tanto para pagar o trabalho de moer. Tirava aquela medida. Era uma medida de milho por cada saco. Se o saco fosse maior era mais um bocadinho, se fosse mais pequeno, era menos. E o resto ia levar às pessoas, a gente dizia às freguesas. Também pagavam a dinheiro. Havia pessoas que tinham pouco milho, então pagavam a dinheiro. Um tanto cada, não sei agora quanto, não me lembro, cada saco. O milho que ficava para nós, do pagamento, era para moer e vendíamos a pessoas que não tinham milho, que não tinham farinha. A gente moía e depois quem queria comprava e era para nossos gastos também.



**Alberto no dia do casamento, filho de Dorinda**

---

## **Descendência *Um menino***

Só tivemos um menino. Um menino... Já tem uma menina com 24 anos. Já tirou o cursozito de Radiologista.

O meu filho foi criado na Benfeitá mas andou nas obras também. Não andou por aí na brincadeira até um certo ponto. Depois foi aprender de mecânico, depois aborreceu-se foi para Lisboa. Agora é taxista. Lá anda. Começou a trabalhar novinho. Até se admiravam de ele pegar em pesos como pegava para as obras, para fazerem casas. E ele, coitadito, lá andava a pegar naqueles pesos. Trabalhou muito. Depois da escola, não quis estudar, a gente ainda queríamos que ele estudasse, mas ele não quis. Tinha uns 15 anos. Se calhar nem tanto, ainda andou em Côja para ver se aprendia Mecânica. Ainda andou um tempito, depois foi para a Gândara, também. Gostavam muito dele.



### **Armando, Alberto e Dorinda no dia do casamento do filho Alberto**

O dinheiro que lhe pagavam juntou-o. Quando se casou já tinha assim um dinheirito mas pouco porque pagavam mal. Nós não o queríamos explorar. Eu

---

era para casa. Se assim não fosse... Agora ele, coitadinho, a gente já com as nossas fracas posses íamos vivendo e dávamos aquele a ele. Para juntar, também não era para estragar.

## **Costumes *As festas e a comida***

### **Dias diferentes**

A padroeira da Benfeita é a Senhora da Assunção. A festa era quase como é hoje. O que é que juntava mais gente. Vinham as pessoas que estavam em Lisboa, em Coimbra. Hoje ainda vêm. Fazia-se a procissão. E chegava ao meio-dia ou à tarde, como fosse, acabava a procissão e tocava a música até pela noite fora. Faziam o arraial, chamavam o arraial. Era muito bonito, isso era. O almoço era cada um na sua casa mas diferente. Festejava-se o almoço. Era diferente. Sempre se comprava um bocadinho de carne, fazia-se os doces, era muito diferente. No leilão levavam as ofertas. Tinham os mordomos, cada um dava uma oferta e aquilo ia na procissão e depois leiloavam. Vendiam. Quem mais desse mais amigo é. Mas era para a ajuda da festa. Levava de tudo, levava umas coisas de casa porque toda a gente tinha um porquinho, faziam chouriças e guardavam para aquele dia para pôr na oferta. E também punham um tachinho de arroz-doce, punham uns coscoréis, punham várias coisas, fruta. Faziam assim uma oferta bonita. Quem mais pusesse, mais bonito era. Enfeitavam muito bem o andor, punham-se as colchas nas janelas para passar a procissão, punham-se flores da janela abaixo para o andor. E era assim. E havia foguetes. Agora já nem há foguetes.

### **"Sempre a música"**

As festas eram muito animadas. Quando era pelo Carnaval faziam muitos bailes. Um aqui, outro adiante, despicavam-se uns com os outros. Vinham as músicas. E a gente, claro, gostava de ouvir pela rua acima. Mas isso era pelo Carnaval. As festas também era uma animação. Vinha a música. Não vinham conjuntos nem nada. Era sempre a música. A gente gostava era de ouvir a música. Agora nem gostam de nada, nem dançam. Eu dançava. Isso era uma perdida para dançar. Isso aos bailes ia.

## **Igual ao que era**

A Páscoa foi sempre mais ou menos como é agora. Anda o padre, agora nem anda o padre que ele também não pode mas, anda uma pessoa com a cruz e outros a pedirem, com os saquitos, a pedirem o dinheiro, e correm as casa todas. É assim.

## **Festa em família**

No Natal em minha casa é quase o mesmo, juntam-se as famílias, fazem a ceia. Comem-se couves com bacalhau e também tem doces. Só a carne é que não se pode comer na véspera de Natal. No dia seguinte come-se o cabrito, o cabrito chega. E os doces. Também tem os presentes. Também já se trocava mas era mais as pessoas mais ricas. Eu nunca tive esse uso. Agora já tenho.

## **Broa de milho**

Tínhamos um forno e depois cozíamos de nove a dez broas, se fosse preciso. E comíamos a broa. Pão de trigo pouco se via. Não havia dinheiro. Cultivávamos milho. Ai, trabalhávamos muito. Na altura, éramos umas escravas. Agora não é assim, não há nada disso. Acabou tudo. A gente moía o milho, ficava a farinha, depois peneirávamos aquela farinha para uma gamela, ficava o farelo que púnhamos para as galinhas ou para os porcos, para o que tínhamos. Nós tínhamos uns moinhos de água. A gente e mais pessoas. Tínhamos aqueles moinhos de água com umas pedras. Púnhamos o milho, e dali caía para baixo para a pedra e moía a farinha. Tínhamos uma arca onde caía a farinha e dali tirávamos. Quando moía aquele púnhamos outro e era assim. E depois amassávamos, púnhamos um bocadinho de sal, tínhamos o fermento, púnhamos um bocadinho de água morna e amassávamos a broa, punha-se a levedar, diz-se levedar. E depois de estar lêveda, íamos para o meu forno, aquecíamos e depois íamos tender numas tigelinhas pequenas. Cada tigela levava uma broinha e púnhamos para o forno numa pá. Púnhamos lá sete, ou oito, ou nove. As que a gente queria cozer. E depois esperávamos que ela cozesse, tirávamos fora e depois pronto, íamos comendo. Era a nossa vida.

## **"Vinho do mais preto"**

A chanfana eu não uso muito mas sei que é cozê-la em vinho do mais preto que tiver. E a carne também é da mais velha que houver e os mesmos temperos que se põe nas outras carnes. Deixa-se cozer bem cozida.

## **Bem apuradinho**

O arroz-doce põe-se o tacho em cima do lume com uma pinguinha de água. Depois põe-se o arroz, a água a cobrir aquele arroz, o arroz ferve um bocadinho, a gente deita-lhe o leite e deixa cozer naquela água, um bocadinho de limão, de casca, um bocadinho de sal. Vai-se pondo o leite, conforme é preciso, se ele seca, claro que vai secando. Depois, só quando estiver cozido é que se põe o açúcar porque até dizem que se se puser quando ele já está cozido, que ele já não coze mais. Tem de se pôr quando ele está cozido. E pronto, deixa-se apurar bem apuradinho, mexe-se sempre para não pegar ao tacho, tira-se, põe-se para as tacinhas, um bocadinho de canela, ou a fazer um raminho ou uns riscos. Bem apuradinho. A gente até põe a colher que ela fique de pé que não tombe, que está feito.

## **Entortar sem cair**

A tigelada é, temos os tachinhos de, chamámos vidrados, daqueles amarelos. Depois dez ovos para cada tacho, bate-se os ovos bem batidinhos, eu bato antes de ir para o tacho. Cada dez ovos leva um litro de leite. Depois bate-se bem batidinhos os ovos, até se pode bater com o açúcar, até estar doce. Depois vai-se pondo o leite e depois acaba-se de bater o leite com os ovos e com o açúcar tudo bem batidinho. E quando estiver tudo bem batido põe-se no tacho e vai para o forno. E depois começa a ferver. Não convém também o forno muito bravo porque então queima. Então começa a ferver e a crescer. Depois a gente vai vendo. Tira o tacho para fora e vê se ela se está a separar do tacho e com um palitozinho também se está húmida deixa-se estar mais um bocadinho. Se não tem assim muita água, que também é bom com um coisinho de água, sim, molho, tira-se. Nós entortámos um bocadinho o tacho mas cuidado não cair o molho para cima dos pés. E se separa já está boa para sair. É um doce bom.

---

## **Lugar *Muito diferente***

### **"Casa sim, casa não"**

A Benfeita era muito diferente. Havia lojas, de mercearia, alfaiates, sapateiros, ferreiros. Era casa sim, casa não. A gente nem pode encarar com isto. Foram morrendo, os filhos não quiseram seguir as artes dos pais. Havia muitas pessoas. E depois alegres. As pessoas eram muito alegres. Andavam na fazenda sempre a cantar, a cantar. Íamos para um lado e para o outro. A sachar o milho, a semear as batatas, andávamos sempre a cantar, sempre alegres.

### **A luz, a água e a roupa lavada**

Primeiro a luz era com uns candeeirinhos nas paredes a petróleo. Sei que havia. Agora os eléctricos já foi mais tarde. E então era fraquinha, já se sabe. Agora é que não. Agora há para aí luz que é o fim do mundo. A água eu lembro-me de ir com o cântaro à praça, buscar água. Eu não tinha em casa e muita gente não tinha, pois não. Não canalizavam. Iam à fonte. Havia muitos fontanários. E a gente gostava de ir porque lá é que se juntavam os rapazes. E a gente gostava de ir buscar o cantarito da água mas também era preciso porque em casa não havia. Juntávamo-nos muitas raparigas e rapazes e a gente gostava daquela paródia. E depois estávamos à espera uns dos outros, aquilo era por ordem de chegada. Enchia um, depois enchia outro, enchia outro e a gente estava com o cântaro à espera de encher, e enchia-se e a gente ficava lá um bocado a brincar. Mesmo já crescidas ali é que se juntavam os rapazes e as raparigas e a gente gostava daquilo.

Para lavar a roupa íamos à ribeira. Tínhamos lavadouros, pedras, e a gente ia para ali. Tínhamos uma joelheira que faziam de madeira, a gente ajoelhava na joelheira, que tínhamos uma pedra à frente de nós e é que esfregávamos a roupa e lavávamos. Era uma beleza. Passávamos naquela água limpinha. Era assim que a gente lavava. Só mulheres. Conversavam e cantavam. Aqui havia muitas cantadeiras.

### **Festa do fim da guerra**

No dia 7 de Maio, todos os anos, o relógio da Torre da Paz dá, sei lá, muitas badaladas. Nem sei quantas. É especial porque quando acabou a guerra, eu não

sei em que data foi, puseram lá a torre e um sino a dar, não sei quantas badaladas. Na altura, foi um senhor que estava na aldeia que fez uma festa muito grande, que foi um senhor que veio da América, e festejou por acabar a guerra. Fizeram versos e agora ainda lá vão. Ainda cá vem umas pessoas filmar e vão lá cantar, ainda festejam.

### **Vêm cobras para casa**

No primeiro de Maio não se pode ir ao mato, nem à lenha porque vêm as cobras para casa. Nem apanhar couves, nem apanhar erva que vêm as cobras para casa. Nunca vi nenhuma mas há pessoas que dizem que sim, que é verdade.

### **Era bonito**

Havia os ranchos. Era o Rancho do Manjerico, era o Rancho do Enguiço e picavam-se uns com os outros. Eu estive no Manjerico. Tínhamos uma farda, íamos a vários lados, convidavam a gente. Dançávamos viras e marchas, e outras danças. Era bonito.

### **Médicos, barbeiros e parteiras**

Quando era preciso iam-se chamar os médicos. Havia médicos em Arganil e em Côja. Mesmo no meu tempo havia. Chamava-se o médico e ele fazia o que podia. Se fosse preciso já iam para o hospital. Também havia na Benfeita umas pessoas que eram como uns enfermeiros, duas pessoas. E tratavam as pessoas de qualquer maneira. Mas nunca ficavam aleijadas. Ainda assim tratavam-nas bem. Um foi mesmo enfermeiro, não sei se foi em Coimbra se foi em Lisboa, não me lembro. Eram barbeiros os dois. Um era José Augusto e outro era José Maria, tratavam muito bem as pessoas quando partiam um braço, ou quando partiam uma perna. Tratavam muito bem delas. E era assim que a gente se remediava.

Quando uma mulher ia ter um filho havia umas três ou quatro mulheres que a gente ia chamar. Sofria ali um bocado mas elas, coitadas, mas vinham ajudar a gente. Quem me ajudou foi uma senhora que chamavam Gracinda. Era muito jeitosa. Eu assim que me vi aflita mandei-a logo chamar. A pessoa lá veio, depois era muito alegre, cantava ao pé da gente, e animada.

## **"É uma terra linda"**

Para mim a Benfeitá é uma maravilha, não me sinto bem em lado nenhum. Quando vou a qualquer lado quero é vir para a Benfeitá. Cá é que eu me sinto bem. É uma terra linda. Primeiro havia muita coisa bonita e festejavam muito as coisas. Hoje já não é assim. Mas é bonita. Agora temos a piscina, quando é de Verão vem muita gente. É isso.

## **Sonhos *Casas abertas***

Tanta casa aí fechada e gostava de as ver abertas. E as pessoas lá a residirem. Eu gostava.

## **Avaliação**

Como seja para bem, eu acho bem. Acho que é importante. A gente não sabe mas como seja para bem, para saberem as coisas como elas são feitas, como se passou o tempo atrasado, acho que é bem.